

A lição das urnas

07 OUT 1990

James Allen

JORNAL DE BRASÍLIA

Começa a ascender às manchetes dos jornais e aos espaços nobres dos noticiários do rádio e TV a discussão sobre o perfil que terá a nossa Câmara Legislativa — será de oposição ou não ao novo governador? O cenário ainda turvo, como turvos são para o eleitor comum os cálculos que se fazem para saber quem está eleito para o cargo de deputado distrital, não permite dizer com certeza quem representará o eleitorado no parlamento local. Mas já dá uma idéia clara da importância que tem. Importância que não se fez presente na escolha dos candidatos a candidatos pelos partidos.

Desprevenidas, as cúpulas de alguns partidos e das coligações concentraram suas atenções na disputa pelos cargos majoritários e pelos nomes que disputariam a vaga na Câmara Federal. A definição de nomes para candidatos a deputados distritais era tratada como secundária. Houve agremiação que deixou que essa escolha fosse feita sem sequer passar pelo crivo da direção partidária. Pareciam não perceber que um novo poder estava se instalando no panorama político e que esse espaço é, depois do governo, o mais importante do DF agora. A queda de braço que antes se fazia entre o governo e alguns senadores desinteressados da Comissão do DF no Senado, agora se dará entre forças políticas satisfatoriamente representadas e também eleitas.

As forças que ganharam espaço democrático pela primeira vez — de um lado o governador e de outro os parlamentares distritais — terão que

mostrar fôlego para negociações e arcabouço político para dizer a que vieram. Porque terão uma lei orgânica para elaborar e porque para o eleitor do Distrito Federal será fácil saber o que fazem os deputados e terão razoáveis condições de cobrar o voto que deram. O movimento comunitário que se organiza, a estrutura sindical que já elegeu alguns deputados federais são exemplos de que as pressões serão grandes, talvez maiores que nas assembleias legislativas estaduais.

Seguramente as próximas eleições que acontecerão dentro de quatro anos merecerão um outro tratamento dos partidos políticos — se não daqueles que surgem apenas para atender a efêmeros interesses das campanhas, pelo menos dos que têm consistência ideológica e pretendem implantar raízes no DF. Principalmente por se perceber — a se confirmarem os primeiros números das urnas — que não foram os candidatos de última hora os ungidos pela vitória, mas nomes com história no Distrito Federal: representantes de categorias profissionais, de associações comunitárias ou personalidades que ao longo dos últimos trinta anos mostraram uma ligação concreta com o desenvolvimento da cidade.

Fica provado que não se começa uma carreira política na campanha. Se isso valeu onde houve eleição de vereador ou deputado estadual, valerá aqui também para desgosto dos oportunistas que de repente se investiram de porta-vozes de um povo sem cara, sem nome, sem emprego e sem residência.